

REVISTA  
**FILOSÓFICA**  
DE  
COIMBRA

vol. 23 - número 46 - outubro 2014

vol. 23 - número 46 - outubro 2014

Fundação Eng. António de Almeida



propósito da acção e da criação.” (p. 224) Isto evidencia-se na exterioridade ou no extrinsecismo da causa – “[n]o extrínseco, abre-se inevitavelmente o espaço da empiria mensurável, quantificável e reproduzível: o espaço da causa eficiente, assim como será concebida por Descartes.” (p. 225) – interpretada como “centralidade” da causa eficiente (p. 225-6). Primeiro em Deus, na Criação, depois pelo enfraquecimento da causa final, reduzida a uma *motio metaphorica* no campo dos seres desprovidos de razão e vontade (p. 228). Surpreendente e inteligentemente, toda esta deslocação tem por fim uma extensão teológica no âmbito da famosa questão *de auxiliis*, como dissemos já: “Góis, aqui sem dúvida influenciado quer por Fonseca quer pela recente publicação da *Concordia* de Luís Molina, adere com força à teoria do concurso das causas em cada acto, recusando soluções unívocas e abrindo o campo para uma série de conclusões que dizem respeito em particular à relação entre homem e Deus, jesuiticamente pensado sob o signo do livre arbítrio.” (p. 230). À liberdade agrega-se a felicidade, mas aqui chegado, o jovem investigador de história da educação cujo trabalho muito gostaríamos de saudar, leva-nos à conclusão de que a felicidade, no CAJC, também é fruto da educação (p. 259).

## II

### *Rethinking Culture and Cultural Analysis. Culture – Discourse – History*<sup>3</sup>.

RAFAEL GARCIA

É característico da filosofia uma certa descontinuidade cronológica de seus temas: suas questões não se apresentam em continuidade ininterrupta e retilínea, mas sim passam frequentemente por longos períodos de dormência e percorrem caminhos tortuosos para depois reaparecerem sob os holofotes do escrutínio filosófico, por vezes puxadas pela premência das circunstâncias, que as tornam mais uma vez inadiáveis. Tal é o caso da filosofia da cultura, como um ramo próprio, e, por extensão, de pensadores que tinham nela

---

<sup>3</sup> Christian Möckel & Joaquim Braga (eds.), *Rethinking Culture and Cultural Analysis. Culture – Discourse – History*. Bd. 3, 200, Logos Verlag Berlin – 2013; ISBN 978-3-8325-3336-6.

seu principal foco de inquirição, como é o caso, aqui em especial, de Georg Simmel e Ernst Cassirer, pioneiros e expoentes desse ramo da filosofia. Após longo período de desinteresse por essa questão<sup>4</sup>, eis que ela desponta novamente no centro das discussões filosóficas, caudatária das questões levantadas num mundo globalizado – ou em processo de globalização – no qual a noção de cultura é cotidianamente utilizada, sem contudo ser acompanhada de qualquer reflexão mais demorada sobre o que ela de fato significa ou pode significar.

É sobre este plano de fundo que devemos tomar o terceiro volume da coleção *Culture – Discourse – History*, organizada por Thomas Düllo e Jan Standke: *Rethinking Culture and Cultural Analysis*, editado por Joaquim Braga e Christian Möckel. Trata-se de um livro que põe a si a tarefa de refletir sobre o conceito de cultura, bem como sobre tópicos da análise cultural, e, para tanto, resgata justamente elementos dos debates em torno da filosofia da cultura do início do século XX, obliterados pela emergência do existencialismo e da filosofia analítica, que dominam a cena da filosofia a partir de meados da década de 1920-30. Refletir sobre o conceito de cultura, como os próprios editores esclarecem no prefácio da obra, significa assumir a cultura como um *problema*, não como uma *solução*. Em certo sentido, o que se resgata aqui é um espírito filosófico de inquirição; um *modo* de filosofar que dispõe de seus próprios pressupostos – quais sejam, os de que a cultura não pode ser reduzida a uma visão substancialista da diversidade de suas manifestações, como frequentemente encontramos em discursos ideologizados (filosóficos ou não) que se apoiam justamente numa noção irrefletida e preconcebida – em geral normativa – de cultura.

De fato, ao descreverem a abordagem que pretendem dar à investigação como uma tal que se oponha à substancialização dos fenômenos ditos culturais, seus editores aludem obliquamente a Simmel e Cassirer e, por meio deles, implicam (criticamente) a tradição iluminista alemã. Cassirer é na verdade o autor-chave para a compreensão da perspectiva adotada no livro. Sua principal obra, a *Filosofia das formas simbólicas*, é entendida pelo próprio autor como a transformação da crítica da razão iniciada por Kant numa *crítica da cultura*.<sup>5</sup> Por outro lado, o filósofo diz que sua obra é a continuidade de uma investigação publicada pouco mais de uma década antes, em 1910, de nome *Substanzbegriff und Funktionsbegriff – Conceito de substância e conceito de função*, na qual é empreendida uma tentativa de des-substancializar os conceitos, ou a forma como eles são entendidos, de modo a desvinculá-los de quaisquer pressupostos metafísicos. Em vez dessa concepção substancial,

---

<sup>4</sup> Não é por outra razão que Edward Skidelsky sub-intitula seu livro sobre Ernst Cassirer, lançado em 2008, de “o último filósofo da cultura”.

<sup>5</sup> *Philosophie der symbolischen Formen* I, p. 9

Cassirer propõe que se compreenda a formação de conceitos como *funções*,<sup>6</sup> como *relações fundamentais gerativas* [*erzeugende Grundrelationen*]<sup>7</sup> e *formas seriais* [*Reihenformen*]<sup>8</sup>, que não incluem o conceito como um elemento efetivo de sua própria definição; ele passa a ser apenas a expressão e o envoltório de uma relação de necessidade<sup>9</sup> que é produzida pela atividade do espírito.<sup>10</sup> Abre-se assim o caminho para aquilo que, ampliado em seu escopo epistemológico inicial, resulta na necessidade de empreender uma crítica geral da cultura humana que se entende exatamente como fruto da atividade do espírito.<sup>11</sup> De fato, a noção de símbolo, que é central na obra madura de Cassirer, guarda as influências dessa investigação prévia da forma de construção dos conceitos; guarda sobretudo a necessidade de não recair em análises substancialistas (e, nesse sentido, metafísicas) das manifestações da cultura.

Mas a influência de Cassirer em *Rethinking Culture and Cultural Analysis* se evidencia também pelo fato de que seus editores são notórios pesquisadores do pensamento do autor da *Filosofia das formas simbólicas*: Joaquim Braga, membro do grupo de pesquisa Individualização da Sociedade Moderna da Universidade de Coimbra, defendeu sua tese de doutoramento sobre o pensamento de Cassirer – *A pregnância simbólica da imagem: para uma crítica do conceito de imagem segundo a filosofia de Ernst Cassirer*<sup>12</sup> – na Universidade Humboldt de Berlim em 2010. Christian Möckel é professor na mesma Universidade Humboldt e é um dos editores das obras póstumas de Ernst Cassirer que estão em fase de publicação, além de ter longa produção bibliográfica sobre o mesmo pensador. Além deles, pode-se constatar a influência de Cassirer pela presença de outros autores que se dedicam parcial ou integralmente à investigação de sua obra, como Oswald Schwemmer, Jeffrey Barash e Olivier Feron, por exemplo.

<sup>6</sup> Importante é notar que a inspiração para essa distinção entre substância e função vem de Simmel, de quem Cassirer foi aluno ainda no final do século XIX, antes de se aproximar de Hermann Cohen. A distinção entre substância e função, num outro contexto que não o da investigação lógica, tal como feito por Cassirer, é apresentada por Simmel em *Philosophie des Geldes*, de 1900, esp. cap. II.

<sup>7</sup> Substanzbegriff und Funktionsbegriff, p. 14.

<sup>8</sup> Idem, p. 26.

<sup>9</sup> Idem, p. 15.

<sup>10</sup> Para mais detalhes sobre os conceitos de substância e de função, Cf. GARCIA, R. *Genealogia da Crítica da Cultura*, 2014, esp. cap. I.

<sup>11</sup> Em menção a Humboldt, Cassirer define seu conceito mais característico, qual seja, o de *forma simbólica*, como uma *energia do espírito*. Cf. *Der Begriff der symbolischen Form im Aufbau der Geisteswissenschaften*, p. 79. Para uma discussão sobre o tema, cf. GARCIA, R. *op. cit.* p. 47 e ss.

<sup>12</sup> *Die symbolische Prägnanz des Bildes. Zu einer Kritik des Bildesbegriffs nach der Philosophie Ernst Cassirers.*

Não se deve contudo depreender dessa influência do pensamento de Ernst Cassirer que *Rethinking Culture and Cultural Analysis* seja um livro meramente exegético sobre este filósofo. Como já dissemos acima, a influência é antes do *modo* e da direção fundamental do filosofar do que de seu conteúdo. Aliás, a própria filosofia para Cassirer, influenciado por Aby Warburg,<sup>13</sup> não possui tanto um domínio de conteúdos quanto cumpre uma *função* (de articulação) no conjunto da cultura. A des-substancialização aparece aqui novamente e auxilia na compreensão do problema da cultura e dos tópicos de análise cultural. Diferentemente de Windelband e Rickert, que buscavam definir os valores universalmente partilhados por todas as culturas, Cassirer fala dela como um *processo de progressiva autolibertação* (*An Essay on Man*, p. 244), para o qual todas as formas simbólicas contribuem ao seu modo, mas no qual nenhuma ocupa seu centro. “Apreciamos a policromia e a polifonia da natureza do homem”, diz Cassirer (*idem*, p. 238). A noção funcional de cultura (e de humanidade, que a supõe) permite a investigação do homem não por relações de identidade<sup>14</sup>, mas por relações de diferença; permite repensar ideias como as de identidade cultural, por exemplo, para além de uma perspectiva etnocêntrica, pois não tende à construção de uma hierarquia de valores, mas sim à compreensão da pluralidade das externalizações e objetivações que permite, se não a identificação que redundava em homogeneização, a construção de um campo de diálogo em que as diferenças sejam sistematizadas. Daí que a cultura, do ponto de vista de sua totalidade, seja tomada como uma coincidência de opostos; uma harmonia de contrários heraclitiana. Aqui cultura não é sinónimo de civilização, como o que se opõe à barbárie, nem diz respeito somente ao que concerne ao intelecto. Cultura é a ação concreta do homem no mundo; ela compreende as formações mágico-míticas e o desenvolvimento técnico e artístico tanto quanto as aquisições espirituais. *Rethinking Culture and Cultural Analysis* parte desses mesmos

<sup>13</sup> Cassirer guardava grande afinidade com Aby Warburg, manifesta na organização singular que este deu ao acervo da biblioteca do instituto que fundou em meados da segunda década do século XX. Lá, relata o próprio Cassirer (Cf. *Philosophie der symbolischen Formen* II, p. XV-XVI), os livros não se encontravam dispostos de acordo com a categorização tradicional por ramos científicos. O arranjo dos livros dizia respeito antes de tudo a uma certa forma de compreensão do desenvolvimento do espírito humano. Nessa organização não havia uma seção dedicada à filosofia. Esta se encontrava em toda parte, mas em nenhuma em especial. Sobre a relação estreita entre a ligação com Warburg e a noção de cultura em Cassirer, cf. HABERMAS, J. *Die befreiende Kraft der symbolischen Formgebung: Ernst Cassirers humanistisches Erbe und die Bibliothek Warburg* ou KROIS, J. *Philosophy of Culture and Cultural Studies: Ernst Cassirer and the Paradigm Change in the “Humanities”*, in FOSS et KASA, 2002, p. 19-31.

<sup>14</sup> De fato, o termo *identidade* é fortemente evitado por Cassirer desde suas primeiras obras.

pressupostos de des-substancialização, descentralização e pluralidade, atualizados agora para o contexto de um mundo globalizado – ambiente no qual as relações entre nações passam a ser tratadas como eminentemente *interculturais* – e que nos demanda reconsiderar o valor metodológico da noção de cultura, bem como sua própria definição. Não é outra a razão que faz de cada capítulo do livro uma contribuição em sua própria perspectiva no sentido da investigação dos problemas em torno da cultura.

Vale ainda dizer que *Rethinking Culture and Cultural Analysis* não deve ser tomado como uma contribuição na mesma linha teórica seguida pelo pós-estruturalismo no campo dos *Cultural Studies*<sup>15</sup>, *embora não se coloque em especial a tarefa de criticá-lo. Há entretanto uma diferença fundamental aqui, segundo se pode depreender do prefácio assinado por Möckel e Braga: ao passo que a mudança de paradigma no estudo das humanidades dos tempos da crítica pós-estruturalista os fez de certa forma assumir uma postura decidida contra as categorizações gerais (de humanidade, p. ex.) que supunham e legitimavam implicitamente relações de poder sedimentadas numa tradição que permanecia para além da devida crítica e, ao fazê-lo, absolutizou, por assim dizer, a categoria da diferença ao ponto mesmo da hipóstase – converteu-a num conteúdo essencial de análise –, na orientação geral que subjaz *Rethinking Culture and Cultural Analysis* não encontramos tais pontos hipostasiados, dado que procura se manter na esfera da crítica e, em decorrência disso, deve se manter aberta sempre à reavaliação de suas premissas e de seus resultados; uma crítica da cultura tem como imperativo hermenêutico não hipostasiar (substancializar) fenômenos ou configurações culturais, quaisquer que sejam. A cultura como fenômeno essencialmente *dinâmico* – um *processo* – não poderia prescindir das contínuas mutações, configurações e reconfigurações que são a marca por excelência do agir humano em todas as suas manifestações.*

*Rethinking Culture and Cultural Analysis* conta com dez textos. Entre eles não há um fio condutor, no que tange ao conteúdo dos artigos, como se pode esperar de um livro que se propõe antes a fazer perguntas do que a dar respostas. A título de organização, separamos aqui quatro eixos temáticos, mas que não podem sequer pretender ser uma compreensão sistemática da obra. O que mais impressiona nesse sentido é a amplitude do leque de possibilidades e de diálogos transversais que se abre com essa perspectiva filosófica. Oswald Schwemmer, que escreve o primeiro texto do livro (p. 1-21), *Culture as a externalised information* de nome dialoga com a antropologia, a psicologia e a neuropsicologia em sua tese, que propõe que a cultura seja

---

<sup>15</sup> Termo aqui em referência ao antigo “Centre for Contemporary Cultural Studies” de Birmingham, atual “Department of Cultural Studies.”

entendida como informação externalizada – um processo de *informação*. Isso significa que as estruturas existentes precisam ser internalizadas mas que, ao serem, são modificadas por cada um dos indivíduos que a internaliza, num movimento circular que cria a tradição. Em seguida, Schwemmer aplica essa tese ao campo da imaginação e da visão, no caso das obras de arte e deixa a porta aberta para a possibilidade de aplicação da mesma ideia para a música, a técnica e a matemática. Outro texto que também flerta com a psicologia, mas também com a psicanálise, a sociologia e a literatura, para dar conta da estética e da ideologia em representações pós-colonialistas – especificamente, da representação de traumas em obras de estudos sociais ou literários, com alguma atenção à relação entre os tais traumas e a formação do vocabulário e de sua respectiva significação – é a contribuição de Ecaterina Patrascu, de nome *Cultural Representations of Trauma in Postcolonialism and Postcomunism* (p. 99-115). Após a violência da experiência colonial, segundo a autora, há um processo de recuperação de conteúdos ignorados ou reprimidos da experiência que moldam o discurso ideológico, mas este não é feito sem certo ficcionalismo das representações históricas na “construção” da memória, que aponta para o (re)estabelecimento de um horizonte mítico perdido – ou a alcançá-lo.

Um texto que de certa forma se aproxima deste de Patrascu é o artigo de Henrique Jales Ribeiro, que questiona a existência de filosofias tipicamente nacionais, se se considera a proximidade entre a discussão do colonialismo e do próprio sentido de nação: *Towards a General Theory on the Existence of Typically national philosophies: the Portuguese, the Austrian, the Italian and other cases reviewed* (p. 117-140). Mas a questão em torno da qual se articula o texto de Ribeiro é antes a existência (ou não) de uma filosofia tipicamente nacional, na medida em que a filosofia se pensa universal em sua validade. O autor nos lembra de que a questão sobre as filosofias nacionais está ligada diretamente à questão das identidades nacionais e atuam sobre elas como promotoras de ideologias ou de utopias. Assim, Ribeiro discorre sobre o caso de Hegel e do neo-hegelianismo, que são a um só tempo exemplos de uma filosofia universal e de filosofia tipicamente nacional, e dos casos português, austríaco e italiano até desembocar no que ele chama de filosofias “multinacionais”, como o que ocorre com a divisão entre as filosofias analítica e continental, por um lado, e na crítica da pós-modernidade, que coloca em xeque a possibilidade de uma filosofia tipicamente nacional. Um segundo aspecto da consideração do problema de uma filosofia da cultura é trazido no texto de Joaquim Braga, em que é colocada a questão geral sobre o estatuto de uma filosofia que se pretende uma *Kulturphilosophie*: o texto, escrito em alemão, chama-se *Philosophie als Kulturphilosophie* e é o último da coletânea (p. 165-178). Aqui reaparecem elementos que se encontram no mesmo campo geral da formação de uma identidade cultural num de seus aspectos

mais contundentes, a saber, a ideia de um *Volksgeist*, um “espírito de povo”, caudatária de certa concepção de filosofia da cultura que se pretende fornecedora de diagnósticos e prognósticos do espírito de seu tempo e, destarte, se liga ao pessimismo e ao fatalismo, além de apresentar fortes tendências “substancializantes”, ou naturalizantes, da concepção de cultura. A essa perspectiva Braga contrapõe aquela da tradição do pensamento iluminista, que conecta Kant a Cassirer. Para estes, a filosofia é uma ação criadora do espírito, que se opõe a todo determinismo e fatalismo. Braga também argumenta que esta forma de filosofar de caráter fortemente antropológico transforma o imperativo categórico num imperativo da atividade (*Werk*), tamanha é a ênfase dada à natureza “poiética” do sujeito. Tarefa deste modo de filosofar é, entre outros, prezar pela preservação da comunicação, com fins de evitar fragmentações no interior da cultura – diretriz que nos reconduz ao contexto de surgimento da filosofia das formas simbólicas de Cassirer.

Ainda na mesma esteira da discussão antropológica de Kant e Cassirer, podemos elencar o texto de Olivier Feron: *Is the Culture an Improbable Product or the Essence of a Rich Man?* (p. 141-147) O autor resgata a questão antropológica colocada por Kant – *o que é o homem?* – e por meio dela nos leva ao *anthropological turn* de Cassirer e Hans Blumenberg. Deste modo, Feron leva a cultura ao centro da discussão filosófica contemporânea, reolocando a necessidade de se pensar a cultura em sua historicidade – o que se propõe a fazer a partir da noção de *animal symbolicum*, cunhada por Cassirer. Jeffrey Barash também escreve sobre as relações entre Cassirer e Blumenberg, no texto *The Rhetoric of Culture: Hans Blumenberg, Ernst Cassirer and the Legacy of Herder* (p. 23-32). Nele o autor apresenta as críticas de Blumenberg a Cassirer, segundo as quais este não dá conta dos pré-requisitos biológicos necessários para sustentar o *animal symbolicum*, por um lado, e, de outro, ignora a historicidade da cultura, pois que o insere na tradição metafísica platônica. A partir daí, Barash resgata o valor cultural de preservação atribuído à retórica por Blumenberg, sob influência direta de Herder, no contexto de sua definição do homem como um *Mängelwesen*. A retórica se destaca no seio da cultura justamente porque esta não é teleológica nem progride linearmente; a novidade de cada situação demanda, assim, que se renove continuamente a retórica.

Num outro horizonte de possibilidades encontramos a construção de uma comparação entre os projetos de Cassirer e Claude Lévi-Strauss feita por Christian Möckel em seu *Mythisch-magisches Denken als Kulturform und Kulturleistung: eine Fragestellung bei Ernst Cassirer und Lévi-Strauss* (p. 77-97). As aproximações aqui são feitas em torno das afinidades temáticas dos dois pensadores no que tange ao pensamento mítico – guardadas as devidas diferenças de concepção de um filósofo e de um etnólogo –, mas também em torno de semelhanças entre noções fundamentais em suas obras, quais

sejam, as noções de *forma* e de *estrutura*, respectivamente em Cassirer e Lévi-Strauss. Möckel também dá conta da influência exercida sobre Lévi-Strauss por Cassirer. O intuito do autor com esta comparação, entretanto, é apenas fundamentar um projeto maior, ainda em desenvolvimento, de análise do pensamento mítico desenvolvido por cada um dos teóricos, bem como do papel dessa forma de pensamento no corpo da cultura e na formação das sociedades. O pensamento mítico também ocupa lugar no texto de Paul Cortois, que trata das relações entre nome e identidade pessoal: *Individual Essences: Names and Persons* (p. 33-55). Parte-se aqui das características da significação no pensamento mítico, tal qual apresentadas por Cassirer em *Sprache und Mythos*, de 1925, e definidas por Cortois como significação-fusão (*conflation meaning*). Nessa forma de significação-fusão não há divisão clara entre signo, significado e significante, o que abre uma via de compreensão de significações atreladas a objetos singulares e permite uma nova colocação dos problemas em torno dos símbolos evocativos e das relíquias, o que é feito por uma combinação entre as perspectivas de Cassirer e de Kripke, este último com sua teoria causal da referência. Ao final, Cortois trata das aporias contidas na noção de uma essência individual.

O último eixo temático que separamos gira em torno do problema da incomensurabilidade no contexto da cultura. *Incomensurability in the Comparative Study of Cultures: From Kuhn to Benedict, back & forth* (p. 149-164), escrito por Liza Cortois, discute a questão da incomensurabilidade em geral, marcando as distinções entre comensurar e comparar, traduzir e interpretar, segundo Kuhn, e ao fim faz opção pelo sentido fraco de incomensurabilidade, qual seja, aquele que permite a possibilidade de comparação, mas não de tradução (“sem resíduo ou perda”). Munida de tal distinção, Cortois passa a discutir a taxonomia da língua japonesa, numa tentativa de explicação, de demonstração, dos caminhos que podemos seguir para a compreensão de incomensurabilidades culturais – estas que podem ser consideradas diacrônica ou sincronicamente. Por fim, temos o texto de João Maria André, *Künste und Multikulturalität: Das Theater als interkulturelles Dialogfeld* (p. 57-75), também centrado na questão da incomensurabilidade, mas especificamente no campo do teatro. Aqui, em lugar de especificidades linguísticas que levariam à incomensurabilidade, André enfatiza elementos não-textuais que também necessitam de tradução numa peça – gestos e entonação do discurso, por exemplo –, que são apresentados a partir de contribuições nesse campo feitas por Patrice Pavis. Tendo apresentado as diferenças entre tendências estéticas como diferenças de paradigma, André conclui seu texto com o caso do *Centre Internationale de Recherches Théâtrales*, que tem como premissa de trabalho a interculturalidade, com destaque para princípios metodológicos e estratégias que possibilitem a construção de uma peça transcultural.

*Rethinking Culture and Cultural Analysis*, como aqui buscamos apresentar, é um livro pioneiro na redescoberta dessa linha temática, que não deixa de ser igualmente um modo de filosofar. A interculturalidade que defende e da qual parte tem em si mesmo o primeiro exemplo: trata-se de um livro escrito em inglês e alemão, com contribuições de autores portugueses, franceses, romenos, belgas e alemães. Espera-se que a clara potencialidade dessa perspectiva inspire sua ampla difusão, tão necessária para os nossos tempos de conflitos (inter)culturais e de ideologias que se escoram na cultura – um termo tão claro, mas tão capcioso – como o resíduo acrítico que justifica a perpetuação de um estado de coisas por vezes injusto. De fato, há esforços notáveis nessa direção, a exemplo dos livros publicados em 2012 por Andreas Jürgen, *Humanismus und Kulturkritik* e organizado por Birgit Recki, *Philosophie der Kultur – Kultur des Philosophierens*.

#### REFERÊNCIAS

- BRAGA, J. *Die symbolische Prägnanz des Bildes*. Centaurus Verlag, 2012.
- CASSIRER, E. *Philosophie der symbolischen Formen I: Die Sprache*. Ernst Cassirers Gesammelte Werke, Vol. 11. Hamburg: Felix Meiner, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Philosophie der symbolischen Formen II: Das mytischen Denken*. Ernst Cassirers Gesammelte Werke, Vol. 12. Hamburg: Felix Meiner, 1998.
- \_\_\_\_\_. *An Essay on Man*. Ernst Cassirers Gesammelte Werke, Vol. 24. Hamburg: Felix Meiner, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Der Begriff der symbolischen Form im Aufbau der Geisteswissenschaften*. Ernst Cassirers Gesammelte Werke, Vol. 16. Hamburg: Felix Meiner, 1998.
- HABERMAS, J. *Die befreiende Kraft der symbolischen Formgebung: Ernst Cassirers humanistisches Erbe und die Bibliothek Warburg*. Berlin: Akad. Verlag, 1997.
- GARCIA, R. *Genealogia da Crítica da Cultura: sobre a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer*. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2014.
- JÜRGEN, A. *Humanismus und Kulturkritik: Ernst Cassirers Werk im amerikanischen Exil*. München: Wilhelm Fink, 2012.
- KROIS, J. *Philosophy of Culture and Cultural Studies: Ernst Cassirer and the Paradigm Change in the “Humanities”*. In: *Forms of Knowledge and Sensibility. Ernst Cassirer and the Human Sciences*. FOSS, G. et KASA, E. (org.) Kristiansand: Norwegian Academic Press, 2002, p. 19-31.
- RECKI, B. (org.) *Philosophie der Kultur – Kultur des Philosophierens: Ernst Cassirer im 20. Und 21. Jahrhundert*. Cassirer Forschungen, Vol. 15. Hamburg: Felix Meiner, 2012.
- SIMMEL, G. *Philosophie des Geldes*. Leipzig: Verlag von Duncker & Humblot, 1900.
- SKIDELSKY, E. *Cassirer, the Last Philosopher of Culture*. Princeton: Princeton University Press, 2008.